



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



A junção da Economia Feminista e da Agroecologia enquanto estratégia de empoderamento das mulheres rurais

The combination of the Feminist Economy and Agroecology as a strategy for the empowerment of rural women

PORT, Giovanna Helena Galeotti

Universidade de São Paulo (USP), giovanna.port@usp.br

TEMA GERADOR: Mulheres e Agroecologia

Resumo

O processo de modernização da agricultura afetou de forma diferenciada os gêneros no campo, sendo as mulheres as principais prejudicadas devido à sua função historicamente atribuída da divisão sexual do trabalho. O objetivo da presente pesquisa é compreender melhor a condição das mulheres rurais e desvendar estratégias a serem desenvolvidas no processo de transição agroecológica que visem a equidade de gênero no campo. Para isso, foi acompanhado a execução de um projeto de ATER desenvolvido especificamente para mulheres rurais na região do Vale do Ribeira, em São Paulo, e sistematizadas as estratégias identificadas, demonstrando, por fim, a importância da criação de políticas públicas com recorte de gênero.

Palavras-chave: Gênero; ATER; Feminismo; Patriarcado; Campo.

Abstract

The process of modernization of agriculture has affected gender differently in the countryside, with women being the main disadvantaged because of their historically attributed function of the sexual division of labor. The objective of the present research is to better understand the condition of rural women and to unveil strategies to be developed in the process of agroecological transition that aim at gender equity in the countryside. To this end, it was followed the execution of an ATER project developed specifically for rural women in the Vale do Ribeira region, in São Paulo, and systematized the identified strategies, demonstrating, finally, the importance of the creation of public policies with a gender cut.

Keywords: Genre; ATER; Feminism; Patriarchate; Field.

Introdução

A Revolução Verde foi um processo que instituiu o novo modelo tecnológico da agricultura convencional, caracterizado por intensa mecanização, técnicas modernas de irrigação e emprego intensivo de agrotóxicos e de fertilizantes. Ocorreu no Brasil com intensidade em meadas da década de 50 e, para o campesinato, significou a imposição do famoso pacote tecnológico da agricultura convencional.

Como se sabe, independentemente se no meio rural ou urbano, a lógica capitalista impõe que o tempo deve ser maximizado para a produção de mercadorias. Pensando nesse aspecto no caso da agricultura familiar, diversos autores e autoras apontam como essas mudanças atingiram de maneiras diferentes os homens e mulheres do campo, tendo em vista a forma como geralmente se dá a divisão sexual do trabalho na



família camponesa, sendo as mulheres rurais, com suas funções tradicionalmente associadas ao sustento e bem estar da família, as principais prejudicadas, já que os espaços associados a alguma forma de renda (ou masculinos) tendem a avançar e serem mais valorizados do que os espaços tradicionalmente femininos (DE BIASE, 2007).

Considerando a Agroecologia como conjunto de conhecimentos voltados à construção de uma agricultura sustentável, que atenda simultaneamente a critérios sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais (SILIPRANDI, 2015), a presente pesquisa visa refletir sobre a construção de estratégias para a mudança na relação de poder entre os gêneros no processo de transição agroecológica, entendendo a última como uma etapa de transição da agricultura ‘convencional’ à ‘agroecológica’, e o termo empoderamento como uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos ‘desempoderados’ pela estrutura de poder dominante – no caso, as mulheres rurais – afim de disputarem espaços privilegiados de decisões, adquirindo, nesse processo, consciência social de sua condição de opressão e de seus direitos.

Material e Métodos

Para alcançar tal objetivo buscou-se contribuir teoricamente para o aprofundamento da questão, como também sistematizar e refletir sobre uma experiência prática desenvolvida nesse sentido no Vale do Ribeira, através de um projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural (forma de extensão rural cujo objetivo melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias do campo através do aperfeiçoamento do sistema de produção, de mecanismos de acesso a recursos, serviços e renda de forma sustentável) especificamente voltado para mulheres (ATER Mulheres) desenvolvido pela organização não governamental e feminista Sempre Viva Organização Feminista (SOF). Portanto, foram realizados vários trabalhos de campo à diversas comunidades para acompanhamento das atividades do projeto e, nestes campos também foram realizadas entrevistas com as mulheres rurais beneficiárias.

Resultados e Discussão

A partir da reflexão sobre a transformação da condição das mulheres rurais, especialmente após o processo de modernização da agricultura, diversos autores e autoras veem de maneira crítica a forma como geralmente se dão os processos de assistência técnica visando a transição agroecológica. Essas críticas geralmente vão no sentido do maior enfoque destas assistências no aspecto técnico, ou no ‘produtivo’, em detrimento das questões sociais, que incluiriam uma preocupação com o papel específico que as pessoas, e em especial as mulheres, desempenham nos sistemas produtivos



em questão, e com a sua situação de subalternidade. Dessa forma, assuntos como a relação de poder entre os membros da família, a divisão de tarefas e os valores associados a cada uma dessas tarefas, a rígida hierarquia patriarcal, as formas de divisão dos bens por herança, por exemplo, que afetam diferentemente homens e mulheres, jovens e idosos, dificilmente são tratados como problemas (SILIPRANDI, 2015)

Nesse sentido, DE BIASE (2007) acredita que a agroecologia ainda não foi praticada em sua plenitude, faltando ações que tenham como foco uma (re)construção social. Dessa forma, a maioria desses trabalhos acabam por manter as relações sociais transformadas pelo processo de modernização da agricultura, sendo justamente uma das causas para a não plenitude da Agroecologia, segundo esta autora, a exclusão da contribuição feminina, através da desconsideração de seus espaços na propriedade rural e suas funções históricas dentro do trabalho familiar - relacionadas ao sustento e ao bem estar da família -, em favor de uma supervalorização das funções tradicionalmente masculinas - aquelas 'associadas a alguma possibilidade de renda' (DE BIASE, 2007).

No entanto, ao analisar-se o movimento organizado de mulheres rurais, suas demandas e reivindicações, percebe-se que, de encontro ao enfoque geralmente dado nos processos de transição agroecológicas 'convencionais', elas demonstram a necessidade destes abrangerem a questão de gênero. Nesse sentido, é elucidativo pensar no III Encontro Nacional de Agroecologia, ocorrido em Maio de 2014 em Juazeiro, na Bahia. Nele, as mulheres eram 50% do público, e propuseram para sua luta o lema 'Sem feminismo não há agroecologia' (SILIPRANDI, 2015). Na Carta Política deste encontro, o trecho que se relacionava com a questão das mulheres aponta para o compartilhamento das atividades domésticas e de cuidados da gestão da produção, para o direito das mulheres na participação da vida social e política de suas comunidades e às condições de produção e comercialização.

Levando em consideração todos os limites da prática agroecológica em lidar com a questão de gênero no campo apontadas até o momento, e o conteúdo das reivindicações do movimento de mulheres, é interessante analisar as propostas da Economia Feminista, paradigma teórico e militante sobre o qual a SOF foi uma das primeiras organizações brasileiras a estudar e utilizar em suas práticas, construindo, assim, experiências rumo a um possível caminho para que a Agroecologia possa dialogar com as demandas expostas pelo movimento de mulheres.

A Economia Feminista trava uma disputa sobre o que se entende por economia, ao dar visibilidade ao conjunto de processos necessários para à produção do viver. A economia, nesse sentido, não é vista apenas como uma relação entre números e fór-



mulas, mas sim entre pessoas, considerando o trabalho necessário não só no mundo 'público', mas também no mundo 'privado'. Desta forma, visibiliza as desigualdades entre homens e mulheres na economia, e propõe uma mudança no paradigma do conhecimento econômico e no concreto das relações sociais desiguais entre homens e mulheres, colocando a divisão sexual do trabalho como um elemento central de subordinação das mulheres que estrutura o modo de produção capitalista. Portanto, pode ser considerada uma ferramenta que contribui para organizar a visão da forma como se estrutura o funcionamento do capitalismo patriarcal e, além disso, propõe caminhos para superá-lo. Uma de suas principais estratégias é visibilizar o terreno da reprodução, colocando o trabalho das mulheres e a produção do viver no centro da agenda política e econômica (MORENO, 2015).

Diante da sistematização das experiências desenvolvidas sobre o trabalho de ATER realizado pela SOF, foram levantadas nove estratégias, no trabalho com as agricultoras, que demonstram ligação com a Economia Feminista, sendo que algumas delas também servem como um diagnóstico sobre a forma como se dá a opressão patriarcal das mulheres especificamente neste território:

1. Documentação: Foi notável, no decorrer do projeto, como um número considerável de beneficiárias não possuíam documentos básicos de agricultores familiares, tal como a Declaração de Aptidão ao PRONAF (política pública brasileira voltada a agricultura familiar, cuja declaração é necessária para o reconhecimento jurídico das agricultoras enquanto trabalhadoras da agricultura e para o acesso à políticas públicas em seu nome, além de direitos fundamentais como a aposentadoria. A ausência dessas documentações reflete muitas vezes não só a marginalização econômica, mas também o não auto reconhecimento enquanto agricultora familiar, estando por trás disso a ideia de que a mulher 'apenas ajuda o marido'.

2. Intercâmbios de experiências: Devido à função naturalizada da mulher rural na divisão sexual do trabalho, muitas vezes o espaço público não é reconhecido por estas como o seu espaço, devido às suas atividades estarem concentradas no espaço privado (casa e quintal). Além disso, muitas vezes devido a forma como as mulheres têm contato com a Agroecologia faz com quem elas não se sintam como sujeitas produtoras do conhecimento agroecológico. Nesse sentido, o intercâmbio de experiências (que consiste em organização de encontros entre um ou mais grupos de mulheres de diversas comunidades em uma comunidade ou local onde se tem uma experiência a ser apresentada para todas), é uma importante ferramenta não só para se criar bre-



chas para o reconhecimento de alternativas de vida para além dos papéis tradicionais, mas também, devido troca de conteúdos que tais encontros propiciam, para as mulheres passarem a se reconhecer enquanto sujeitas produtoras de conhecimento.

3. Visibilização/valorização do trabalho reprodutivo: Nos trabalhos de transição agroecológicas convencionais, muitas vezes os tempos das mulheres não são considerados para combinar horários de atividades, formações, reuniões etc., fator que as afastam da Agroecologia. Como o projeto de ATER desenvolvido pela SOF é voltado especificamente às mulheres, esses tempos eram considerados e, além disso, em todas as atividades mais longas eram organizadas cirandas para que as crianças desenvolvessem atividades lúdicas conjuntamente, e suas mães pudessem participar efetivamente, fator bastante determinante inclusive para os seus comparecimentos nas atividades.

4. Visibilização/valorização do autoconsumo: Foi possível observar a valorização da produção dos quintais, pelos quais geralmente são as mulheres as responsáveis, e o autoconsumo da família, e, além disso, através da Caderneta Agroecológica (ferramenta na qual a mulher, durante o período de um ano, anota tudo o que foi colhido, vendido, dado, trocado e consumido pela família) foi possível quantificar a efetiva contribuição econômica do autoconsumo para a unidade familiar e, conseqüentemente, a função da mulher nesta unidade.

5. Empoderamento Econômico: Além da valorização do autoconsumo, também foram desenvolvidos trabalhos de formação em comercialização, feiras locais e, mais recentemente, contato com a Rede de Grupos de Consumo da Região Metropolitana de São Paulo (RGCRM), sendo que algumas mulheres beneficiárias do projeto atualmente tiram sua renda exclusivamente da venda de produtos a estes grupos de consumo. O empoderamento econômico se faz importante devido ao aumento do poder de barganha da mulher dentro da família por ter uma renda mais permanente e gerada por ela mesma, não dependendo apenas do dinheiro do marido (dinheiro este pelo qual muitas vezes as mulheres também trabalham diretamente para consegui-lo mas, no momento de sua divisão, como os seus trabalhos são considerados 'apenas ajuda', elas não costumam obter a sua parte).

6. Empoderamento Político: Em algumas comunidades visitadas, era notável como as mulheres não eram apropriadas de questões da conjuntura política local que as afetavam diretamente (como por exemplo, o corte de uma política pública de escoamento de alimentos). Esse fato ocorre por tais assuntos não serem considerados pela sociedade como propícios das mulheres resolverem, algo que, por sua vez, muitas vezes fazem com que as próprias mulheres não se achem capazes de se apropriar e realmente se



colocarem em condição de sujeitas em determinados processos. Devido a isso, o empoderamento político não só sobre a conjuntura local, mas também sobre o feminismo e sobre o sentido das atividades desenvolvidas pelos grupos de mulheres no decorrer do projeto, tornam-se fundamentais para o momento em que projeto se finalizasse (o que ocorreu em Março deste ano), os homens não se apropriassem dos trabalhos e acúmulos desenvolvidos pelas mulheres, especialmente os mais rentáveis. Portanto, o empoderamento político é importante para a autonomia das mulheres pós-projeto.

7. Diagnóstico de Demanda Local: Muitas assistências técnicas convencionais às vezes chegam com o cronograma de atividades prontos, sem realizar um diagnóstico das demandas locais, algo que acarreta a falta de sentido em muitas agricultoras em continuar acompanhando as atividades. No trabalho realizado pela SOF, a ideia era deixar que as próprias mulheres mostrassem demandas específicas, valorizando, assim, os trabalhos já desenvolvidos por elas em cada uma das comunidades, reconhecendo a contribuição das atividades que elas já realizavam para a construção da Agroecologia.

8. Monitoramento Constante e Versatilidade: No meio do projeto, foi realizada uma oficina de 'monitoramento e planejamento' em todas as comunidades atendidas, sendo que cada uma contava com algumas comunidades. Nesta o objetivo era monitorar, através de dinâmicas participativas, qual era a efetividade das atividades desenvolvidas na transformação da realidade dessas mulheres, e planejar conjuntamente as atividades futuras de acordo com as demandas apresentadas pelos grupos.

9. Formação técnica específica para a abordagem de gênero: No decorrer do projeto, as técnicas da SOF passaram por diversos processos formativos para melhor compreensão da questão de gênero no campo, o que nitidamente refletiu na qualidade de seus trabalhos com as comunidades de diversas maneiras. Tal estratégia faz-se fundamental na medida em que compreender como a opressão de gênero se dá no campo já é algo bastante complexo e, além disso, há uma grande complexidade envolvida no estudo de metodologias para transformar a realidade na prática. Quanto a esse processo de formação específico, é fundamental destacar a troca de acúmulos entre diversas organizações que trabalham com gênero em todo o país, que trabalham em parceria com a SOF, através da Marcha Mundial das Mulheres.

Conclusão

No decorrer do processo mostrou-se nítida a importância de projetos de ATER especificamente para mulheres, já que perceptivelmente muitos ganhos deste projeto se deram devido ao fato de que só haviam mulheres agricultoras enquanto beneficiárias, tendo em vista o ponto que elas têm em comum, a opressão patriarcal no campo e a



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DE E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



forma como isso reflete especificamente neste público em relação aos seus tempos, demandas e perspectivas futuras. Também é reafirmada a necessidade de maior número de políticas com recorte de gênero.

Referência Bibliográficas

BIASE, Laura De. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da Agroecologia. In: Revista Agrária, São Paulo, nº 7, pp. 4-36, 2007.

ANA. ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. Carta política do III Encontro Nacional de Agroecologia. Juazeiro: ANA, 2014.

MORENO, Renata. Economía feminista: una visión antisistémica. In: En busca de la igualdad: textos para la acción feminista. pp. 33-56, 2013.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Tese de doutorado. UFRJ, 2015.